

OS ASPECTOS RACIAIS DO CONTO *NEGRINHA*, DE MONTEIRO LOBATO, E O SILENCIAMENTO DA CRÍTICA LITERÁRIA

RAFAEL FÚCULO PORCIÚNCULA¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – rafael.porciuncula@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A partir das discussões suscitadas no âmbito da disciplina de Literatura Brasileira II, no Curso de Letras - Português, do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), este trabalho busca investigar as interpretações existentes do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato (1882-1948), no que diz respeito às questões raciais que permeiam a narrativa. Segundo Walter Benjamin, em suas “Teses sobre o conceito de história”, é preciso “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1987, p. 225) e, porque não, a História da Literatura. Em outras palavras, é necessário revisitar as obras que ocupam lugares altos e, supostamente, intocáveis nas prateleiras do cânone literário e recolocá-las em discussão sob novas perspectivas.

Em 2010, emergiu o debate sobre as ideias raciais na obra de Lobato, após acusação, pelo Conselho Nacional da Educação (CNE), de que a obra *Caçadas de Pedrinho* (1933), pertencente ao Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), representava o “negro” e o “universo africano” de forma preconceituosa e estereotipada. Dentre os diferentes argumentos utilizados para a defesa de Lobato está a repetida menção ao seu conto “Negrinha”, publicado em livro de mesmo nome, em 1920. Segundo a pesquisadora Marisa Lajolo, esse conto se caracteriza pela “dramática denúncia do narrador lobatiano do racismo do qual Negrinha é vítima” (LAJOLO, 2010). Vê-se que o narrador é qualificado como denunciante das atitudes preconceituosas perpetradas sobre a menina, o que demonstraria um caráter de rejeição dessas ações e denúncia em prol dos direitos dos negros. Em entrevista à “Univesp TV”, em 2012, a pesquisadora declarou que a obra lobatiana “não insufla o racismo e não transmite ideias preconceituosas” (UNIVESP, 2012a).

Também em entrevista à “Univesp TV”, no mesmo ano, o professor João Luís Ceccantini afirma que, tanto ele quanto seus colegas, quando se levantava, no contexto acadêmico, a discussão sobre a presença de racismo na obra lobatiana, ouviam como justificativa de defesa a indicação de leitura do conto “Negrinha”, o qual sempre foi lido por eles como “um conto de denúncia do horror que era o racismo [...] e que isso poderia contaminar o interior de uma família, o microcosmos”. Observa que existem, no conto supracitado, certas descrições e referências não mais aceitáveis nos dias atuais, mas que, constantemente, as análises têm caído em anacronismos e, de maneira equivocada, se tem julgado esses autores com valores atuais (UNIVESP, 2012b).

2. METODOLOGIA

Parte-se de uma abordagem de caráter qualitativo, direcionada por um levantamento bibliográfico a respeito do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, privilegiando a análise crítica dessa produção e de outras leituras publicadas sobre a obra, a fim de evidenciar o apagamento de aspectos raciais das discussões feitas pela tradição crítica e de refletir sobre os limites e silenciamentos dessa recepção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificada a partir da cor da sua pele, “Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados” (LOBATO, 1959, p. 3). Devido a sua perda familiar, acabou sob os cuidados de dona Inácia, antiga patroa de sua mãe e ex-senhora de escravizados. Por não ter gerado filhos, não tolerava choro de crianças e, por isso, a “pobre carne de Negrinha exercia, para os cascudos, cocres e beliscões, a mesma atração que o imã exerce para o aço” (p.5). Dentre os castigos mais severos, destaca-se o dia em que Inácia pôs um ovo quente na boca da menina, tampando-a com a mão para que não o cuspsisse nem gritasse. A tortura física era acompanhada de apelidos pejorativos: “diabo, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo” (p. 4-5). Ao caracterizá-la com exaltações de sua suposta bondade — “Excelente senhora”; “Ótima”; “Uma virtuosa senhora” (p. 3) — a disposição de dona Inácia “cuidar” Negrinha é associada, ironicamente, a uma postura de acordo com os preceitos religiosos e morais.

Para o narrador, Inácia foi mulher pela primeira vez no momento em que se apiedou da menina e permitiu que brincasse com suas sobrinhas (p.10). A chegada dessas meninas na casa foi, para Negrinha, como a chegada de “dois anjos do céu” e deram a conhecer a ela uma diversidade de brinquedos que, até então, desconhecia, como uma boneca loura, a qual reconheceu como a imitação de uma criança (p. 9). Os dias seguidos a brincar pelo quintal fez florescer em Negrinha a consciência de que possuía uma alma. A percepção de si e a permanência de sua exclusão na cozinha a tornaram triste e fizeram com que parasse de comer e, por conseguinte, a mataram. De acordo com o narrador lobatiano:

Jamais [...] ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentiu-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça – abraçada, rodopiada. Veio a tontura [...] E tudo se esvaiu em trevas (LOBATO, 1959, p. 11).

O conto lobatiano demonstra a formação de uma autoidentificação da protagonista a partir de sua diferença, definida pela sua exclusão na cozinha da casa, pelas agressões que constantemente sofria e pela demarcação racial, carregada desde seu nome. A descrição da chegada das sobrinhas de dona Inácia demonstra a sua própria conclusão de que era inferior: era negra, confinada e triste, enquanto as meninas eram brancas, livres e felizes. As qualidades fisionômicas das meninas eram comparáveis a seres celestiais, como os anjos. No momento em que desfrutou a vida de criança por alguns dias, a menina descobriu sua humanidade e não se conformou quando voltou à sua situação marginal. O reconhecimento dessa humanidade não foi capaz de remodelar a identificação que tinha de si mesma. Depois daquelas férias, Negrinha deixou de ter olhos assustados e passou a ter olhos nostálgicos (LOBATO, 1959, p. 11) e, em um momento extasiante anterior a sua morte, viu-se cercada de bonecas louras de olhos azuis e de anjos. Sua concepção de beleza celestial foi formada no instante da chegada das meninas. Obviamente, seu momento de alucinação demonstra um novo resgate, onde, mais uma vez, só que agora em definitivo, pôde abandonar o isolamento da cozinha e unir-se aos anjos e à “linda boneca loura”. O narrador, em diferentes momentos, demonstra piedade devido às maldades sofridas por Negrinha, além de manifestar uma criticidade reprovadora da conduta de dona Inácia e a sua imagem mantida perante a igreja. Não obstante, acaba por demonstrar condescendência com a criação de Negrinha de uma imagem de beleza fundamentalmente branca.

4. CONCLUSÕES

Após compilar as análises de todas as obras do autor em “Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil” e “Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta”, Lajolo afirma que o escritor brasileiro é o “único a ter toda a sua obra bem vasculhada e bem discutida, por pesquisadores muito competentes” (UNIVESP, 2014). O caráter conclusivo com que as obras se apresentam parece não dar margem para novas discussões, como se esgotassem todas as possibilidades de apreciação. No caso de “Negrinha”, Milena Ribeiro Martins, a quem compete o estudo da obra, trouxe à tona a conclusão comum de que, no conto, “o escritor escancara a casa-grande, denuncia a hipocrisia de uma elite protegida pela Igreja, atribui voz, pensamentos e emoções a uma criatura cujos gritos de dor não seriam ouvidos para além dos muros que a oprimem” (MARTINS, 2014, p. 124). Não há dúvida acerca do tom irônico do narrador lobatiano ao elogiar Inácia, nem da tentativa de sensibilizar o leitor sobre o sofrimento de Negrinha nos momentos de tortura ou de incompreensão da sua existência. Para Martins, por esses motivos, “o conto não é prova do racismo do narrador, nem tampouco do escritor” (MARTINS, 2014, p. 124).

Cabe lembrar que a aversão à escravidão (e às mazelas dela herdadas) não denota, automaticamente, a exclusão de ideais raciais que reforçam o negro em lugar de inferioridade. Mesmo dentre os abolicionistas havia divergências quanto à existência ou não de “superioridade entre as raças”. O mais relevante na discussão que aqui se propõe é a passagem imperceptível nas discussões sobre o conto anteriormente citadas de como são apresentadas as relações raciais na situação final da narrativa. Lobato afirmou que “fecho de conto é como fecho de soneto; é tudo” (LOBATO apud CAVALHEIRO, 1955, t. 1, p. 286). A partir da relevância dada pelo próprio autor sobre a estrutura dos contos, cabe ressaltar que, no desfecho do conto, a fala do narrador reforça os padrões predominantes entre a elite de que a beleza humana e angelical partem de um arquétipo branco, pois até a morte se torna bela diante do espetáculo angelical experimentado por Negrinha. Vê-se que, em outras produções de Lobato, a exaltação da beleza branca se contrapõe à feiura dos não-brancos, como os negros ou os mulatos. Cabe citar o conto “Bocatorta”, publicado em 1918, da obra “Urupês”, onde o personagem negro é apresentado como um monstro. Outro exemplo ilustrativo é a fala da personagem Emília que, ao apresentar tia Nastácia como uma princesa, em uma das brincadeiras das crianças, declarou: “Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe” (LOBATO, 2011, p. 221).

A constatação de que os narradores ou personagens lobatianos trazem falas que colocam o negro em lugar de inferioridade, neste caso, mais precisamente em relação às suas características fenotípicas, não podem deixar de ser comparadas com as falas do próprio escritor, que, repetidas vezes, criticou a fisionomia negra ou mulata. Em carta a seu amigo Godofredo Rangel, escreveu: “Eu gosto muito dos negros, Rangel. Parecem-me tragédias biológicas. Ser pigmentado, como é tremendo!” (LOBATO, 1944, p. 158). Em outra correspondência, com trecho suprimido/ocultado das edições futuras de “A barca de Gleyre”, o escritor paulista declara que “o mulatismo dizem que trás dessoramento de caráter. Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá produtos instáveis. Isso no moral – e no físico que feiura!” (LOBATO, 1944, p. 132). Nos dois exemplos, Lobato relaciona a pele negra a uma “tragédia biológica” e o mulato à “feiura”. Seja na fala dos narradores, dos personagens ou do próprio autor, a “beleza

branca” é colocada em contraste com a consideração ou constatação interpretativa da “feiura negra”, considerações silenciadas pelos grandes pesquisadores da obra lobatiana. Segundo Uruguay Cortazzo:

Los críticos han usado varias estrategias hermenéuticas encubridoras cuando han tenido que enfrentar el problema del racismo en textos consagrados por la tradición. La intención es minimizar, justificar o disculpar a algún autor consagrado, generando de ese modo lecturas complacientes o cómplices (CORTAZZO, 2018, p. 6).

Nesse sentido, o silenciamento da crítica quanto a esses aspectos do conto parece representar uma escolha por não desestabilizar o lugar histórico alcançado por Monteiro Lobato no quadro da literatura brasileira. A interpretação atenta da temática racial no conto “Negrinha” permite perceber que a discussão ultrapassa a mera crítica do narrador à postura amoral de dona Inácia ao torturar a menina e, ainda assim, tentar transparecer uma imagem de uma boa cristã. A situação de tortura, obviamente, perturba o leitor e coloca-o em um lugar de desconforto a que não está acostumado. Entretanto, ao mesmo tempo em que inova na experiência que propicia ao leitor predominantemente branco, o conto de Lobato reforça ideais preconceituosos que hierarquizam brancos e negros, aspecto este que a crítica literária insiste em obscurecer ou ocultar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. 2 tomos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- CORTAZZO, Uruguay. Racismo y Crítica Literaria. **Revista Literafro - UFMG**. 2018. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/ArtigoCortazzo2racismocriticaliteraria.pdf>. Acesso em 28 ago.
- LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. A figura do negro em Monteiro Lobato. In: **Geledés**. 29 out. 2010. Disponível em <https://www.geledes.org.br/a-figura-do-negro-em-monteiro-lobato/>. Acesso em 15 jul. 2025.
- LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- _____. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- _____. **Reinações de Narizinho**. Ilustrações Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2011.
- MARTINS, Milena Ribeiro. Negrinha. In: LAJOLO, Marisa (Org). **Monteiro Lobato, livro a livro: Obra adulta**. São Paulo: Editora Unesp, 2014. (p. 117 - 131)
- UNIVESP. **Notícias Univesp – Racismo em Monteiro Lobato - Marisa Lajolo**. Youtube, 2012a. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=fn1mlfq7Kls>. Acesso em 20 jul. 2025.
- _____. **Notícias Univesp - Racismo na Obra de Monteiro Lobato - João Luís Cardoso Ceccantini**. Youtube, 2012b. Entrevistador: Ederson Granetto. **Univesp TV**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=p9e1prp-TD8>. Acesso em 20 jul. 2025.
- _____. **Livros 88: Monteiro Lobato Livro a Livro - Marisa Lajolo**. Youtube, 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=wa_FfZZNVv4. Acesso em 20 jul. 2025.